



ÓLEO DE SAPUCAINHA NO COMBATE À LEPROSA NO BRASIL- DE THEODORO PECKOLT A PAULO SEABRA

Nadja Paraense dos Santos*, Angelo da Cunha Pinto

* *Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGHCTE/IQ*
nadja@iq.ufrj.br

Resumo

A teoria de um medicamento específico, isto é, de um só medicamento para cada doença, era o grande desafio dos farmacêuticos do século XIX. Para muitos farmacêuticos e químicos do período, o remédio específico só poderia surgir do princípio ativo da planta. Este século caracteriza-se pelos trabalhos de extração, principalmente de ácidos orgânicos e de bases orgânicas. Algumas espécies vegetais brasileiras foram estudadas desde o século XIX para o tratamento de doenças que mais tarde seriam classificadas como doenças tropicais, entre as quais a lepra.

Este trabalho tem como objetivo apresentar os estudos realizados entre meados do século XIX e princípio do século XX, por Theodoro Peckolt e por Paulo Seabra com a sapucainha para o tratamento da lepra.

A espécie vegetal brasileira *Carpotroche brasiliensis*, popularmente conhecida como sapucainha, árvore pertencente à família Flacourtiaceae, foi bastante utilizada no tratamento da lepra e outras infecções cutâneas até meados do século XX. No óleo das sementes desta planta estão presentes os ácidos graxos ciclopentênicos, uma matéria-prima valiosa para a síntese de compostos biologicamente ativos. A identificação posterior da espécie *C. brasiliensis* fez com que essa flacurtiácea se tornasse a principal fornecedora do óleo no Brasil.

Theodoro Peckolt apresentou as propriedades farmacológicas e terapêuticas do óleo de sapucainha pela primeira vez em 1861, tendo sido o pioneiro na obtenção dos ácidos graxos ciclopentênicos majoritários do óleo, em 1866, treze anos antes que John Moss os isolasse do óleo de chaulmugra indiana.

O óleo de sapucainha em natureza, como o de chaulmugra, é mal tolerado pelas vias digestivas, provocando frequentemente anorexia, dores gástricas, náuseas e vômitos. Em 1926, Paulo Seabra denominou a Sapucainha como Chaulmugra Brasileira, iniciando uma série de estudos, produzindo um sabão de cobre dos ácidos totais da sapucainha em hidrosol coloidal. O sucesso deste sal foi difundido em encontros científicos internacionais.